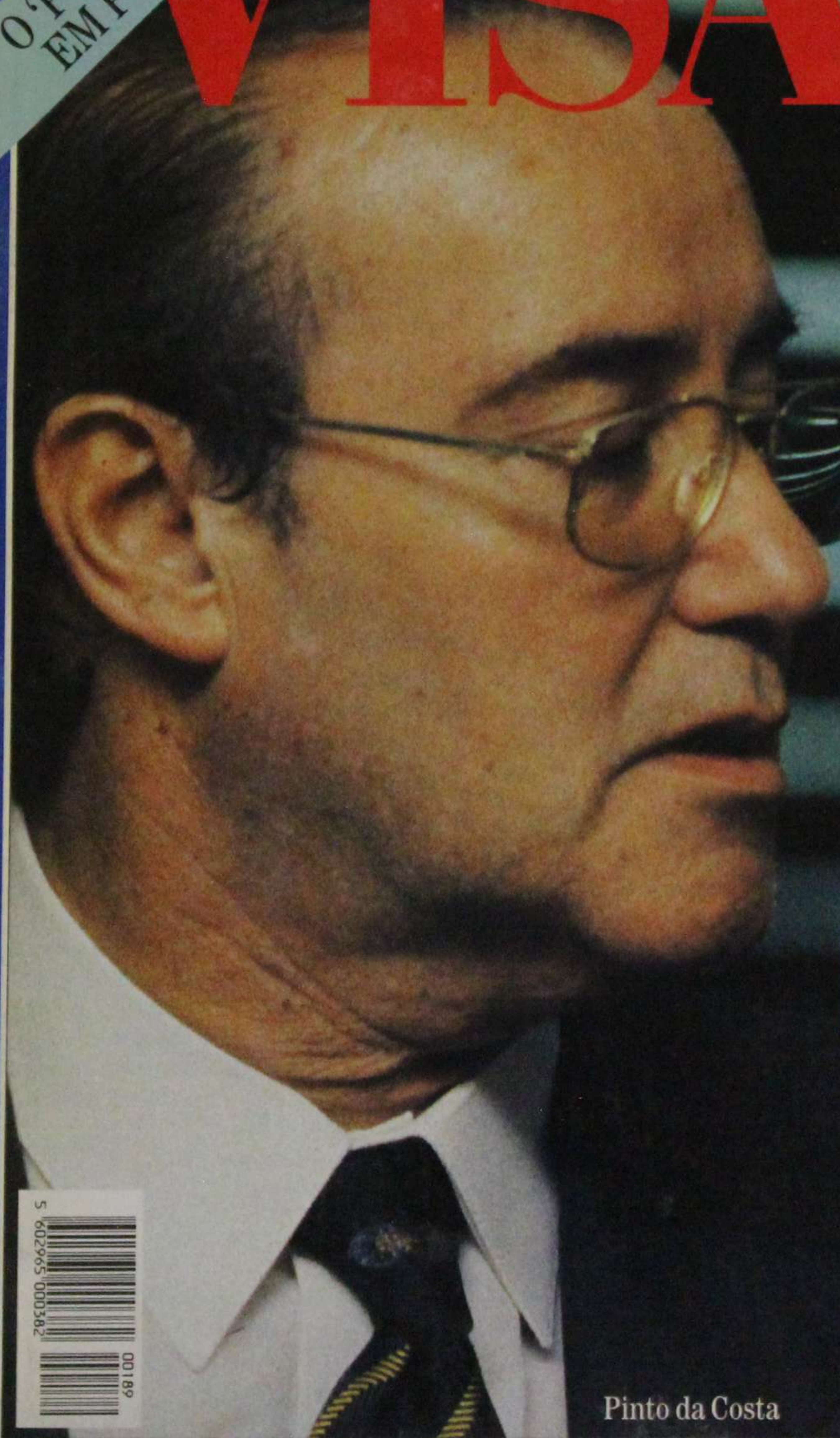


O 'POLVO' ATACA
EM PORTUGAL

VISÃO



**ESTE
HOMEM
QUER
UM
PARTIDO
SÓ DO
NORTE**

Dossier: o Porto
exige mais poder

Pinto da Costa



Sozinhos em casa

Nesta estação o cinema americano aposta forte no público adolescente

Parte considerável dos filmes que se estreiam neste Verão nos EUA têm em comum o facto de serem para maiores de 13 anos (PG 13), ou de terem a classificação geral de PG-Parental Guidance o que significa que mereceram a bênção dos pais e são visionáveis desde o berço. Nunca antes na história de Hollywood se tinha produzido um número tão grande de filmes destinados a crianças. As sondagens indicam que as obras classificadas com PG oferecem à partida mais do dobro da possibilidade de fazerem 60 milhões de dólares na bilhetei-

com Arnold Schwarzenegger e Austin O'Brien: um rapaz de onze anos é miraculosamente transportado para o interior de um filme protagonizado por Jack Slater, seu herói favorito, com o qual vive uma aventura.

Life With Mikey, de James Lapine, com Michael J. Fox e Cindy Lauper: Mikey em criança foi estrela de cinema. Agora, já adulto, gere uma agência de actores-crianças, tentando redimir-se do seu insucesso como actor.

Dennis the Menace, de Nick Castle, com Walter Matthau e Mason Gamble:

inspirado na BD que dá pelo mesmo nome, tem por protagonista um endiabrado rapazinho-loiro-contravilões. Mason Gamble, o novo Macaulay Culkin, foi escolhido de entre 20 mil candidatos, numa operação de casting que mobilizou a quase totalidade dos estados americanos.

Sleepless in Seattle, de Nora Ephron, com Tom Hanks e Meg Ryan: um rapaz de oito anos, órfão de mãe, faz com que o seu martirizado pai se apaixone de novo. Comédia romântica escrita pela própria realizadora, também argumentista de *Encontro Inevitável*.

Super Mario, de Rocky Morton, com Bob Hoskins e John Leguizamo: aventuras high-tech inspiradas no jogo de computador com o mesmo nome — Mario e Luigi descem ao Reino

dos Cogumelos e descobrem Dinohattan, uma terra povoada por seres repelentes, dos quais tentam salvar uma bela princesa cativa.

The Man Without a Face, de Mel Gibson, com ele e Nick Stahl: um homem com a cara desfigurada reencontra a vontade de viver com a ajuda de um órfão de 12 anos.

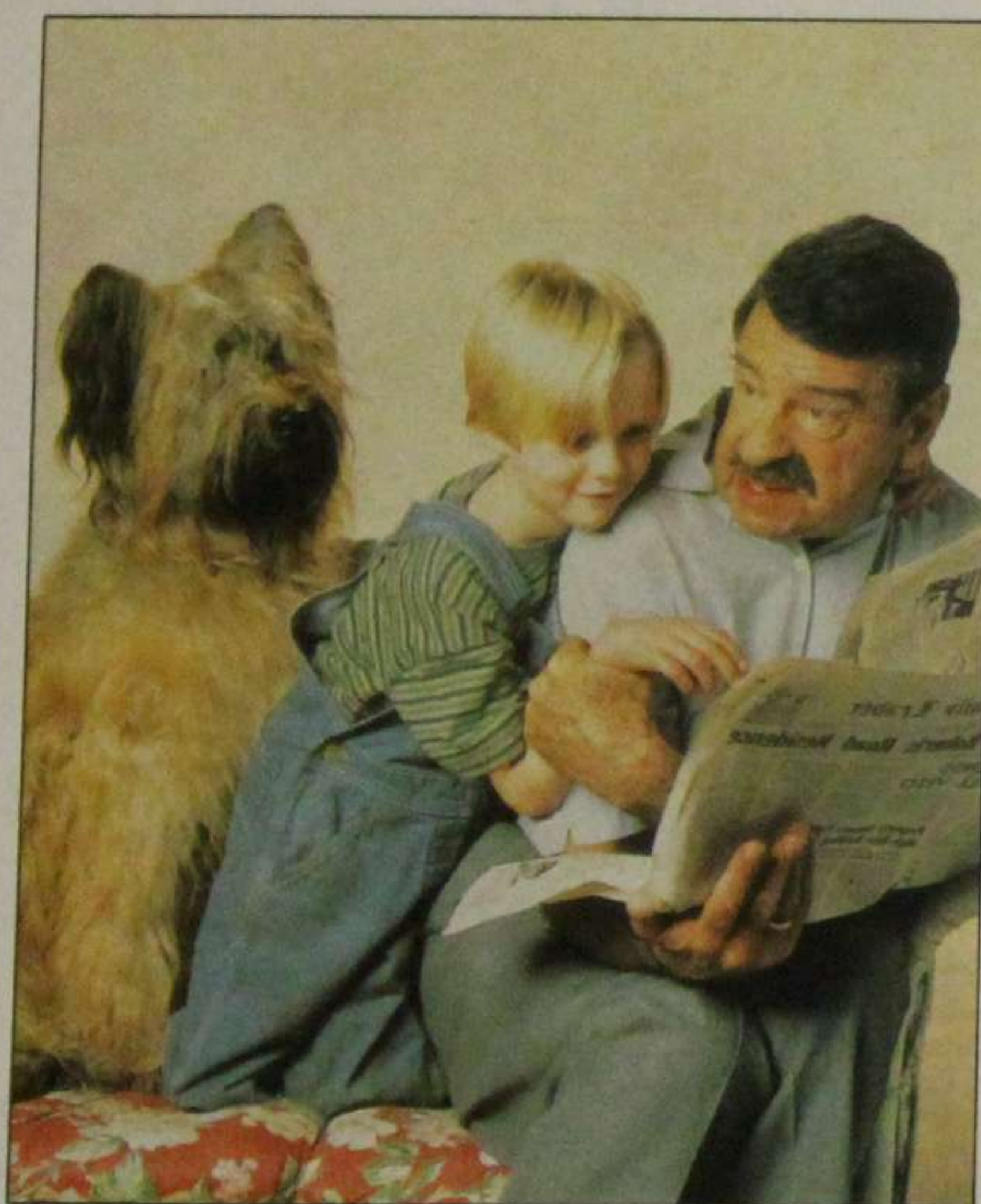
O produtor da *Família Adams*, Scott Rudin, afirma que «quando se abre a possibilidade de vender um bilhete a uma criança está-se a vender mais cinco aos amigos e mais três aos familiares. (...) Para

além de serem um público muito fiel: elas saem do filme, compram outro bilhete e voltam a entrar...»

CRISE Suspeita-se que é deste modo que Hollywood procura defender-se da crise que atravessa. Generosas justificações, a defender o uso e abuso deste isco infantil, não faltam. Jonh Hughes escreveu *Sozinho em Casa* porque não gostava dos filmes a que levava os seus filhos. «Senti-me na obrigação de, como pai, escrever um em que me pudesse divertir ao mesmo tempo que os miúdos.» Há ainda quem, como Rudin, considere que a vaga de filmes PG se deve ao facto de os directores dos principais estúdios terem entre 35 e 45 anos de idade e filhos entre os 8 e os 15, facto que condiciona as suas escolhas... A justificação mais elementar e genuína parece no entanto pertencer a Hughes ao afirmar que a vaga destas obras surge porque «quanto mais feias e sujas estão as ruas, mais as pessoas querem escapar a essa realidade». O que é quase o mesmo que afirmar: o cinema para sobreviver como indústria tem de se divorciar da realidade e converter-se por inteiro a um cor-de-rosa escapista. O futuro o dirá, talvez o problema se resolva muito simplesmente quando os directores dos estúdios começarem a produzir filmes para os seus filhos de 20 anos.

Entretanto, e como Hollywood nunca joga num só tabuleiro, as apostas em grandes sucessos de bilheteira estendem-se a antigos e consagrados géneros do cinema americano. De regresso e em força nos filmes de acção, estão as estrelas Sylvester Stallone, Harrison Ford, Clint Eastwood, Sean Connery e Tom Cruise. Nas comédias vem aí Martin Sheen com *Os Ases do Ar*, Parte II; Kathleen Turner e Dennis Quaid juntos em *Undercover Blues* e Whoopi Goldberg em *Made in America*. A atribulada vida de Tina Turner é recriada no musical *What's Love Got to do With It?* com Angela Bassett no papel da cantora. Destaque ainda para *True Romance*, o novo filme de Quentin Tarantino, realizador de *Cães Danados*; *Manhattan Murder Mystery*, de Woody Allen, interpretado pelo próprio e por Diane Keaton e para *Sliver* com argumento de Joe Eszterhas (*Basic Instinct*) com Sharon Stone no papel de uma voyeur fatal.

Cá os esperamos a todos, com verdadeira ansiedade, que por aqui o desejo de escapar à realidade também começa a ser grande. ▀



Dennis The Menace

ra do que os filmes R — maiores de 16 anos — e têm três vezes mais probabilidades de atingirem receitas acima dos 100 milhões de dólares.

Os candidatos a estas astronómicas somas incluem:

Jurassic Park, de Steven Spielberg, com Laura Dern e Sam Neil: um empresário investe na recriação genética dos dinossauros a fim de abrir um parque de diversões. Como é sabido estas experiências tendem a correr mal e os dinossauros acabam empenhados em aterrorizar duas crianças.

Last Action Hero, de John McTiernan

Valium 10

Da vida, a todos os níveis excitante, de Charles Chaplin consegue-se fazer um filme chato e comprido até ao sono total. É obra

TERESA CARMO

Este filme consegue a proeza de bater vários recordes simultaneamente. O do pior lançamento comercial da temporada, num esbanjar de trunfos ostensivamente indiferente; o da pior biografia de um grande homem feita nos últimos anos e, finalmente, o do filme mais pálido de Attenborough.

Vamos, pois, por partes. Sem se saber de antemão o desastre em que o filme resulta, esta é uma grande produção com um elenco suficientemente sonante para ter sido um produto bem cuidado em termos de lançamento. Não foi. Estreou com o apeteceu: sem aviso, nem projecção para a imprensa. O facto de a ficha técnica conter nomes como Robert Downey Jr (nomeado para o Oscar de melhor actor com este papel), Geraldine Chaplin (a fazer de sua avó), Kevin Kline (aqui na pele de Douglas Fairbanks), Anthony Hopkins (*O Silêncio dos Inocentes*), James Woods, Marisa Tomei (a surpreendente vencedora do Oscar para a Melhor Secundária) e, talvez mais que todos estes, ter a fotografia assinada por Sven Nykvist, a lenda viva que trabalhou com Bergman durante 25 anos, entre outros, como Woody Allen, Kauffman, Polanski, Malle ou Huston... Chega? Aparentemente, não.

O problema é que o próprio Attenborough resvala com a mesma destreza todo o potencial que convocou para retratar a vida do mais popular cómico da história do cinema. O realizador especializou-se nesta forma agradável de entender o cinema, que consiste em concebê-lo como um poderoso instrumento didáctico para dar a conhecer às massas vidas e dramas admiráveis (*Gandhi* e *Grita Liberdade*, por Steven Biko). Este Chaplin, que poderia ser o regresso do herói, estela-se ao comprido (e comprido significa quase três horas...), absolutamente «cheio de dores no relvado». É que de boas intenções está o inferno farto, e nós também.

A partir da autobiografia do genial actor, realizador, montador e argumentista,



com grandes achegas de David Robinson (autor de *Chaplin: His Life and Art*), Attenborough consegue fazer um filme chato, piroso e absolutamente ridículo. Contando a vida de Charles Spencer Chaplin de pequenino, desde a estreia nos palcos londrinos, aos cinco anos, passando pela ascensão meteórica em Hollywood até à morte, aos 88, a ambição era grande. Seguindo a estética dos biopics laudatórios e cinematograficamente moles que a televisão tão bem sabe confeccionar, esta visão de um talento ímpar como o de Chaplin torna-se, no mínimo, chocante. Ou seja, para mostrar a chegada previsivelmente triunfante à América das oportunidades, dá-nos com um comboio de western desbravando pradarias; para dizer que já triunfou, enfia o homem nas letras que encimam a lendária montanha com o nome da terra do cinema; para percebermos que as suas paixões foram sempre muito carnis, atira-nos com um plano fulminante dos

peitos de uma senhora. Franca-mente.

INJUSTO Assim, passa a ideia injusta de um homem sem mácula (e é histórico o seu mau feito, tão característico dos perfeccionistas deste calibre) que, em lugar de inspiração tinha apenas um insaciável apetite por rapariguinhas sub-16. É verdade que teve. Nenhum cronista de Hollywood pode passar por cima dos escândalos que o perseguiram desde os roaring twenties, com divórcios milionários e humilhantes como foi, por exemplo, o da célebre Lita Grey, vulgo Lolita, que o acusou de perversidade e violação, por sexo pré-conjugal com uma menor. Mas também é verdade que Chaplin foi um dos homens que mais lutou pela dignificação do cinema como forma artística. Que, com Douglas Fairbanks e Mary Pickford, criou a United Artis, a primeira produtora formada por profissionais credíveis, com episódios apaixonantes entre as três figuras, que o filme torna cuidadosamente sonolentos. Que foi um tipo preocupado com a justiça e a democracia e, por isso, vítima natural das tristemente célebres listas negras de McCarthy, que acabariam por o expulsar da América. E que, acima de tudo, era um criativo furioso, como a história do cinema conheceu poucos.

Nada disto está no filme. O academismo foleiro de Attenborough aplaina tudo até à hipnose mais radical, ao ponto de fazer esquecer que estamos em presença de um génio nunca por de mais recordado. Talvez não deva o sapateiro subir acima da sua chinela. Talvez deva o cinema limitar-se a ser cinema e evitar fazer a sua história. Ou, muito simplesmente, talvez a mão já pese tanto ao senhor Attenborough que o bom senso aconselha a dedicar-se a actividades mais conformes a essa característica. Pedreiro, por exemplo. ▀

CHAPLIN

De Richard Attenborough
Com Robert Downey Jr e Geraldine Chaplin
Lisboa: Fonte Nova, Quarteto e S. Jorge.
Porto: Trindade.